

MARXISMO, EDUCAÇÃO POPULAR E CRISTIANISMO DA LIBERTAÇÃO: DIÁLOGOS ENTRE FREIRE, LÖWY E ALDER CALADO¹

MARXISM, POPULAR EDUCATION AND LIBERATION CHRISTIANITY: DIALOGUES
BETWEEN FREIRE, LÖWY E AND ALDER CALADO

Alexandre Soares de Sousa²
Severino Bezerra da Silva³

Resumo

Neste artigo apresentamos as vertentes de pensamentos, cristianismo da libertação, marxismo e pedagogia do oprimido, aparentemente antagônicas, cujas relevâncias diante do atual cenário do qual assola a sociedade brasileira e Latino-Americana, apontam a face alucinógena, de uma forma grotesca de sentido religioso, revestida com o manto da inocência para instalar projetos e pautas coniventes com o poder opressor e compressor, imposta às camadas populares e trabalhadoras. Por outro lado, têm-se mostrado a versão religiosa que não compactua com esse esquema montado por forças reacionárias (direita e extrema-direita), adoradoras do deus capital, denunciando e comparando suas práticas ao deus Mammon (fetichizado). É imprescindível resgatar a luta e a memória histórica desses movimentos citados acima, aliados e irmanados, cujo conceito de “afinidade eletiva” existente, desvela-se por exemplo em Alder Calado, Freire e Löwy. A pesquisa está voltada para um estudo bibliográfico, de ordem qualitativa, com base nos textos referenciados.

Palavras-chave: marxismo; cristianismo (teologia) da libertação; educação popular.

Abstract

In this article, we present the seemingly antagonistic strands of thought, Liberationist Christianity, Marxism, and the Pedagogy of the Oppressed, whose relevance in the current context affecting Brazilian and Latin American society reveals a distorted and grotesque form of religious expression, cloaked in innocence, that serves to advance projects and agendas aligned with oppressive and repressive power imposed on popular and working classes. On the other hand, a religious perspective has emerged that challenges the framework established by reactionary forces (the right and far right), worshippers of capital, by denouncing their practices and comparing them to those associated with Mammon (fetishized). It is essential to recover the struggle and historical memory of these movements mentioned above, which are allied and closely connected, and whose concept of “elective affinity” is exemplified in the works of Alder Calado, Freire, and Löwy. This research is based on a qualitative bibliographic study grounded in the referenced texts.

Keywords: Marxism; Liberationist Christianity; popular education

¹ Alder Júlio Ferreira Calado. Sociólogo e Educador Popular. Professor aposentado da UFPB, e membro do Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas. Fez doutorado em sociologia pela universidade de Paris VIII, sob a orientação de Michael Löwy.

² Doutor em Educação pela UFPB. Email: alexandre74ssoares@gmail.com, Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5437229791887699>

³ Doutorado em Ciências Sociais. Professor Titular na UFPB, no CE, vinculado ao DME. Email: severinoobsilva@uol.com.br, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8286905684399911>

Introdução

No presente ensaio vamos percorrer traços do itinerário liberador do cristianismo, do marxismo e do pensamento freireano para compreender o sentido educativo da religião na América Latina, que convergiu para a formação da Teologia da Libertação ou Cristianismo da Libertação, assim como desembocando e suscitando uma educação que dialogue com essas aparentes e antagônicas correntes de pensamentos mencionadas.

No primeiro tópico apresentaremos uma abordagem em que não se configura em hipótese alguma a divergência entre cristianismo e marxismo, bem esclarecido a partir de Paulo Freire, Alder Calado, cristãos, e de Michael Löwy, estudioso ateu que há muito tempo dialoga e pesquisa sociologicamente a respeito do cristianismo latino-americano, especificamente libertador.

Já no segundo capítulo, apreciaremos a questão, não somente de ordem histórica, mas também sociológica, filosófica, educacional e, por fim, não menos importante, a teológica, uma vez que trataremos da dimensão religiosa em vias de libertação. Por esta razão, é imprescindível não se afastar desse olhar. Não podemos nos esquecer de Michael Löwy, sociólogo marxista ateu, que de muito nos ajudou a entender o fenômeno Teologia da Libertação como um movimento social.

No terceiro item, tocaremos no ponto da instrumentalização da religião. Ou seja, vamos desvelar para que e a quem a religião serve, isto é, a própria está se passando por instrumento de alienação ou libertação? Mostraremos a igreja dos pobres e a igreja dos ricos, como se existissem dois deuses, duas igrejas e duas religiões em lados opostos.

Assim sendo, o intuito desse texto foi procurar compreender o caminho percorrido por militantes, a exemplo de Freire, Calado e Löwy, os quais entenderam a partir de suas militâncias que não há separação entre militância e fé em um Deus, neste caso exclusivo de Alder Calado e Paulo Freire, e, diga-se de passagem, um Deus libertador; no que diz respeito a Michael Löwy, por ser ateu, não o impede de enxergar, a partir dos crentes vinculados à Teologia da Libertação ou Cristianismo da Libertação, bem como de educadores populares mencionados, autênticos revolucionários, que buscam construir através da ética coletiva, uma sociabilidade alternativa. Assim, afirmamos que entre cristianismo e marxismo existe uma recíproca camaradagem, buscando e pensando sempre numa nova humanidade inacabada.

Marxismo, educação popular e cristianismo (teologia) da libertação para Freire, Löwy e Calado não se contradizem!?

Há grande reverberação nos dias hodiernos entorno do fenômeno religioso. Pensava-se, a partir do alvorecer da modernidade, que tal mundo do encantamento tivesse sido superado e, por vez, abandonado. Entretanto, percebe-se que diante disso, algumas posições tomadas no passado, não podem surtir o mesmo efeito ou serem reproduzidas, acreditando serem a única solução. Não se pode ignorar nem tornar-se ignorante, por achar que tal fenômeno diz respeito somente a pessoas alienadas, ninguém pode negar também esse fato. Mas, não deixar de reconhecer que, no decorrer da história certos posicionamentos antes tidos como antagônicos ideologicamente passassem a enxergar confluência entre um e outro. A este respeito, salientamos o marxismo e o cristianismo, como exemplos, os quais seguem a dualidade, a depender da minguada e turva visão que se pode enxergar

sobre, assim como uma mais coerente, na qual são deixados de lado aqueles gargalos que impedem de fluir um sincero e objetivo diálogo entre os diferentes.

Digo isso, pensando nas tantas e tantas pessoas que fizeram e fazem um caminho contrário a esse, do qual se encontram cristãos numa ponta e marxistas na outra, como se o caminhar com calçados e bolsas diferentes não conduzissem ao mesmo lugar. Qual seja, a terra da libertação. Por isto, os estudiosos que apresentamos seguem o curso da história na contramão de posturas ortodoxas e dogmáticas, que, por sua parte, rotula-os de contraditórios.

Daí, é suscitado o dilema: ser marxista ou ser cristão? Um dilema sobre o qual tanto Freire como Calado não titubearam nem hesitaram em superar, haja vista a maturidade intelectual com que trataram do assunto. Paulo Freire, por seu turno, não vê incompatibilidade em ser cristão e ao mesmo tempo ter afinidade com o marxismo, uma vez que um e outro lutam e convergem para construir um mundo mais humano e humanizante em vias de libertação. Freire esclarece o motivo que o fez escolher o método marxista de estudar a realidade, especificamente, a Latino Americana. Em seus termos, citado por Agostini (2019), é narrado assim,

Quando muito moço, muito jovem, eu fui aos mangues do Recife, aos córregos do Recife, aos morros do Recife, às zonas rurais de Pernambuco trabalhar com os camponeses, com as camponesas, com os favelados. Eu confesso [...] que fui até lá movido por uma certa lealdade ao Cristo, de quem eu era mais ou menos camarada. Mas o que acontece é que, quando eu chego lá, a realidade dura do favelado, a realidade dura do camponês, a negação de seu ser como gente, a tendência àquela adaptação de que a gente falou antes, aquele estado quase inerte diante da negação da liberdade, aquilo tudo me remeteu a Marx. Eu sempre digo, não foram os camponeses que me disseram: Paulo, tu já leste Marx? Não, eles não liam nem jornal. Foi a realidade deles que me remeteu a Marx. [...]. É que quanto mais e quanto mais eu li Marx tanto mais eu encontrei uma certa fundamentação objetiva para continuar camarada de Cristo. Então, as leituras que eu fiz de Marx, de alongamentos de Marx, não me sugeriram jamais que eu deixasse de encontrar o Cristo na esquina das próprias favelas (Agostini, 2019, p. 123).

Paulo Freire, não oculta a preferência pela análise marxista de mundo, coisa que também não o afasta do cristianismo, ao contrário, torna-o mais convencido da necessidade de haver um vínculo profícuo entre este e aquele. Por causa deste discernimento, Freire, tornou-se motivo de celeumas entre cristãos como também marxistas, porque ele não se assumiu marxista, mas o tempo todo cristão. Afinal de contas, ele é ou não marxista? A esta pergunta Paulo Freire responde,

Minha resposta às vezes cria surpresas, e me chamam, então, de contraditório, o que afinal é também um direito que tenho. A minha resposta é a seguinte: confesso que o método de análise marxista até hoje é, de fato, o que melhor me satisfaz para eu poder compreender a dinâmica da realidade, sobretudo da nossa realidade. Além disso eu tenho uma profunda admiração pelo recado que eu encontro em Marx (Oliveira, 1993, p. 213).

Isso fez com que muitos marxistas não o considerassem um marxista, todavia um ingênuo no tocante a questões sociais, uma vez que ele deixa de enxergar e constatar em seus primeiros escritos a existência de luta de classes, que paira às sociedades capitalistas. Podemos conferir isto, através de Celso de Rui Beisiegel (1992), em que resgatando uma entrevista de Freire a Torres, relata que

isso foi o período infernal e invernoso vivenciado por ele até a chegada de sua obra prima “Pedagogia do Oprimido”, a qual desfez alguns desentendimentos. De acordo com Beisiegel (1992), a conversa transcorreu assim,

Estas críticas são feitas principalmente a partir de meus primeiros trabalhos, nos quais há, indiscutivelmente, postura débeis, ingenuidades, mas nos quais há, também, posturas críticas. O que aconteceu foi que tive sempre uma postura dialética. Porém, ao procurar teorizar a prática, eu tive momentos de ingenuidade na teoria que tentei fazer de minha prática. Pelo fato de que a minha prática foi sempre uma prática dialética, real e concreta, tinha possibilidade de superar os momentos ingênuos (Beisiegel, 1992, p. 281).

É certo que Paulo Freire consegue visualizar em Cristo e Marx uma camaradagem, como ele mesmo vem assegurando, e a referida obra em sua introdução justifica a que veio, a saber, apresentar a possibilidade de unidade entre cristãos e marxistas, os quais Freire se refere como “radicais”, que, por sua vez, difere de “sectário” (Freire, 2017). Somente “radicais” conseguem unificar forças em prol de um bem maior. Isto é conferido num diálogo entre Paulo Freire e o professor Admardo de Oliveira (1993), no qual são tratados vários assuntos. Durante uma visita a Salvador Allende (Santiago do Chile), Freire recorda uma conversa de Fidel Castro com cristãos socialistas. Segundo Freire, ao dirigir-se ao grupo, Fidel afirmou,

Nós somos companheiros estratégicos na caminhada de libertação da América Latina”. Um dos cristãos presentes disse então: Companheiro Fidel, o que você quer dizer com isto? Fidel riu, e depois disse: Quero dizer o seguinte: é que nós somos companheiros desde o começo até o fim. Se eu tivesse dito que somos companheiros táticos eu estaria lhe dizendo: eu me aproveito de você num determinado momento da caminhada e no fim eu mando você às favas. Mas quando eu digo que considero você como companheiro estratégico é que você está com os mesmos objetivos que eu (Oliveira, 1993, 217 -218).

Em relação a essa discussão, da parte de Alder Calado, não houve obnubilação, a sua adesão e abertura ao marxismo, ele sendo cristão igualmente a Freire, deu-se muito cedo, ainda imberbe, aos 18 anos. Ele relata que nunca em sua trajetória ora militante dos movimentos populares, ora militante das pastorais sociais da igreja católica, e também na atuação político-partidária (Candidato a Deputado Federal Constituinte (1986) pelo PT) nunca encontrou dúvidas, no que lhe concerne, a sua postura: ser cristão ou ser marxista? Conforme ele, uma fortaleceu cada vez mais a outra, levando-o a ter uma visão de mundo, ser humano bem como de fé mais profunda e inabalada. Calado, nisto, diferencia-se de Freire, pois assume convictamente ser marxiano, o que não anula o seu ser cristão.

Isso é tão certo e claro para Calado que toma Michael Löwy, ateu marxista, para ser seu orientador, na tese de doutorado na França, na Universidade de Paris VIII. Para ele, “a ética de Michael Löwy, fez com que ele aumentasse ainda mais a sua fé de cristão envolvido e comprometido com os “de baixo”” (Calado, 2020a, p. 73). Na opinião dele, existem mais afinidades entre marxistas e cristãos do que diferenças e antagonismos, daí não haver necessidade de sustentar a rivalidade que permanece hoje em dia.

De acordo com ele,

Sem embargo, nesses últimos séculos, não tem faltado notícias de cristãos a expressarem simpatia pelo legado de Karl Marx e outros marxistas, a exemplo

de Engels, de Rosa Luxemburgo, de Gramsci, Ernst Bloch, José Carlos Mariátegui, Michael Löwy, entre outros. Sem desconhecer ou minimizar suas diferenças, passamos, em seguida, a ressaltar suas principais afinidades. Uma primeira tem a ver com o sentimento de pertença ao gênero humano, lembrando que Jesus se manifesta de tal modo solidário à condição humana, que Ele próprio faz questão de testemunhar radicalmente este compromisso, em razão do qual foi perseguido, preso, torturado e assassinado pelos representantes religiosos e civis da classe dominante do seu tempo. Traços biográficos de Marx e de outros comunistas também se acham em sintonia com os principais valores do Movimento de Jesus. Tanto nos discípulos e discípulas de ontem e de hoje, quanto em diversos seguidores de Marx, constatamos semelhante compromisso de solidariedade com os “De Baixo”, vítimas da opressão e da exploração características de todo modo de produção classista, sobretudo o modo de produção capitalista. Neste sentido, cristãos e marxistas perseguem, de forma militante, a realização do processo de humanização da humanidade (Lema, aliás, do Bispo Pedro Casaldáliga). Ambos procuram uma vida plena começando já aqui neste mundo, de modo que a todos os seres humanos seja assegurada a satisfação não apenas das necessidades materiais (alimentação, habitação, vestimentas, etc.), como também as necessidades imateriais (a contemplação da natureza, a fruição e o exercício, das artes, dos valores estéticos, a imaginação criativa, etc.). Ora, a História tem mostrado ser impossível que tais necessidades sejam satisfeitas, com alcance universal, em qualquer sociedade de classes, especialmente dentro do modo de produção capitalista. Este sistema, com efeito, se faz sempre por meio de uma crescente acumulação de riquezas em mãos de alguns, à custa do trabalho explorado e da apropriação privada dos bens de produção, daí resultando inevitavelmente profundas e crescentes desigualdades estruturais. Cristãos e marxistas, por conseguinte ao constatarem os frutos perversos do Capitalismo, organizam-se para identificarem, desmascararem o complexo conjunto de mecanismos ideológicos de dominação e exploração, e para combaterem pela raiz este modo de produção, como compromisso de irem criando condições para a construção de uma nova sociedade, alternativa a essa barbárie, buscando tornar a realidade o princípio comum, segundo o qual “de cada um segundo suas possibilidades e para cada um conforme suas necessidades” (Calado, 2023).

Alder Calado detecta nas obras de Freire “rastros cristãos-marxianos”, os quais confirmam o que o educador vem alegando a respeito de sua conexão com o cristianismo e o marxismo. De acordo com ele,

Nesse exercício de rastreamento, confluências relevantes foram apontadas, das quais podem ser sublinhados elementos tais como a natureza relacional dos Humanos, seu relevante condicionamento sócio histórico, que acompanham todo o processo de humanização. Processo que se revela condicionado a contextos e estruturas que se apresentam ora como óbices, ora como favoráveis ao processo de emancipação de homens, mulheres e povos. Afinidades também observáveis do ponto de vista de sua visão de sociedade, na medida em que tanto para Marx quanto para Freire, o modo de produção capitalista – bem assim toda sociedade de classes – revela-se radicalmente incompatível com a realização dos sonhos mais generosos da condição humana, razão por que se impõe transformá-la desde a raiz (Calado, 2008, p. 102).

O interesse incessante pelo conhecimento conduz Freire a um estágio mais elevado de fé, cujo entendimento se deu por meio de uma “inter/transdisciplinaridade”. A este respeito, vale aqui mencionar o que Calado desenvolveu acerca,

Sua curiosidade epistemológica, no entanto, o estimularia a empreender voos cada vez mais ousados, no plano filosófico, como no terreno

inter/transdisciplinar, de modo a percorrer leituras de Psicologia, Antropologia, Pedagogia, Sociologia, Serviço Social, História, entre outras “disciplinas”. Seu interesse por temas igualmente afetos a certas abordagens teológicas, mais precisamente ao campo da Teologia da Libertação – de cuja formulação filosófica ele termina sendo um dos expoentes – remete ao adjetivo “transdisciplinar”, mencionado acima (Calado, 2001, p. 9).

Para entrar em sintonia com o que vem desenvolvendo Alder Calado, citemos Millán (2010), o qual a partir de sua análise chega a construir uma explicação relacional acerca de Freire e da teologia da libertação,

De maneira privilegiada, o educador crente vincula sua dimensão de fé com sua prática profissional. Assim, Freire não só consegue estabelecer uma interlocução com a teologia, mas também lança profundos desafios pedagógicos à práxis das igrejas e à reflexão teológica (Millán, 2010, p. 364).

Dando continuidade a esse raciocínio, destaquemos a fala de Preiswerk (2010), na qual ele afirma que,

A teologia da libertação bem como a pedagogia do oprimido (da pergunta, da esperança, da autonomia, etc.) não pedem permissão à academia, às grandes escolas ou “correntes” para reivindicar sua legitimidade ou para certificar sua pertinência científica. Elas a recebem, a canalizam, a deixam fluir, porque é outro quem as outorga (Preiswerk, 2010, p. 645).

Conforme Paulo Freire, embora essa teologia tenha surgido latino-americana, terceiro-mundista, não signifique que ela restrinja seu campo de atuação apenas nessas zonas periféricas do mundo. Para Freire, por ser profética em sua essência ela não deve hermeticamente ficar fechada às Américas, todavia, içar voos mais ousados para todo o planeta. Em seus termos, isso é retratado assim:

Por outro lado, ainda que aparentemente fugindo a nosso tema específico, parece-nos que uma tal atitude profética em face do mundo, da História, não deve ser tomada como exclusiva, nem da América Latina, nem tampouco das demais áreas chamadas de Terceiro Mundo. Esta atitude profética não é exotismo de “subdesenvolvidos”. [...] a posição original cristã é mesmo profética, qualquer que seja o espaço e o tempo em que os cristãos se achem. O testemunho profético, por ser histórico, é que se traduz de forma distinta, em tempos e espaços distintos (Freire, 1981 p.102).

Para Michael Löwy (2016, 73) “antes de mais nada, a Teologia da Libertação é um corpo de textos produzidos a partir de 1970 por figuras latino-americanas”, a saber, teólogos e teólogas especialistas. Segundo ele,

No entanto, como afirmou Leonardo Boff, a Teologia da Libertação é, ao mesmo tempo, reflexo da práxis anterior e uma reflexão sobre essa práxis. Mais precisamente, é a expressão de um vasto movimento social que surgiu no começo da década de 1960, bem antes dos novos escritos teológicos. Esse movimento envolveu setores significativos da Igreja (padres, ordens religiosas, bispos), movimentos religiosos laicos (Ação Católica, Juventude Universitária Cristã, Juventude Operária Cristã, redes pastorais com base popular, Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), bem como várias organizações populares criadas por ativistas das CEBs; clubes de mulheres, associações de moradores, sindicatos de camponeses ou trabalhadores etc. Sem a existência desse movimento social não poderíamos entender fenômenos sociais e

históricos de tal importância. O Cristianismo da Libertação e a Teologia da Libertação influenciaram apenas uma minoria das Igrejas latino-americanas, na maioria das quais a tendência predominante é bastante conservadora ou moderada (Löwy, 2016, p. 73-80).

A Teologia da Libertação, na opinião de Löwy, é um movimento social que arregimenta várias forças sociais, como bem enfatiza,

Normalmente, refere-se a esse amplo movimento social/religioso como “Teologia da Libertação”, porém, como movimento surgiu muitos anos antes da nova teologia e certamente a maioria de seus ativistas não são teólogos, esse termo não é apropriado; algumas vezes, o movimento é também chamado de “Igreja dos Pobres”, mas, uma vez mais, essa rede social vai bem mais além dos limites da Igreja como instituição, por mais ampla que seja sua definição. Proponho chamá-lo de *Cristianismo da Libertação*, por ser um conceito mais amplo que “teologia” ou que “Igreja” e incluir tanto a cultura religiosa e a rede social, quanto a fé e a prática (Löwy, 2016, p. 74).

Michael Löwy, também esclarece por qual motivo se exerce uma atração entre a Teologia da Libertação e o Marxismo, tendo em vista essa aproximação ser considerada por alguns setores, a maioria mais ligado àquela ala da igreja tradicional, como um enorme perigo à fé católica e cristã como um todo. A partir de sua análise sociológica, Löwy conclui,

Resta a saber porque precisamente os “modelos de esperança” de inspiração marxista puderam seduzir tão significativos setores da Igreja Católica Apostólica Romana na América Latina. Mais precisamente: se partimos da evolução interna da Igreja, quais são os aspectos ou elementos de sua própria doutrina que puderam favorecer, facilitar, estimular a convergência com o marxismo? E, por outro lado, quais os aspectos ou elementos do marxismo selecionados neste processo de aproximação? Um conceito que pode ser útil para este tipo de análise é aquele utilizado por Max Weber para estudar a relação recíproca entre uma forma religiosa (a ética protestante) e um ethos econômico (o espírito do capitalismo): afinidade eletiva (*wahlverwandtschaft*). A partir de certas analogias, de certas afinidades, de certas correspondências, duas figuras culturais podem - em determinadas circunstâncias históricas - entrar em uma relação de atração, de escolha, de seleção, de eleição mútua. Não se trata de um processo unilateral de influência, mas de um movimento dinâmico, ativo, de interação dialética, conduzindo, em alguns casos, à simbiose ou mesmo fusão das duas estruturas significativas (Löwy, 2011).

Dessa maneira, percorremos um itinerário rumo a dar explicações a respeito do profundo envolvimento e relevância que se tem a educação da libertação com o cristianismo da libertação e o marxismo. Abaixo continuaremos desvencilhando a ideia em construção.

O papel (des)educativo da religião a serviço do deus capital

“Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal”. Parece-nos que muitas religiões, especialmente as cristãs, descolaram-se desse princípio axiológico. Justamente o que as torna eticamente paladinas de humanidades. Em lugar de resistirem e cumprirem com esse preceito norteador, foram seduzidas por outros apelos mais interessantes, instigantes e lucrativos. Com isso, negaram as suas origens e seus propósitos teleológicos. Relativamente a isso, Alder Calado formou a ponderação que segue: “O canto de sereia do deus Mercado seduziu a

muitos, nas mais diferentes instâncias: espaços governamentais, parlamento, meio sindical, igrejas, academia, setores de esquerda (Calado, 2000, p. 12). Com isto, ele expõe feridas as quais arrastam-se desde um período histórico, em que a religião era subserviente ao estado, e priorizava a salvação das almas, desprezando o lado material e histórico da vida e da sociedade.

Isso significa dizer que, comentando a posição referenciada acima, o modo de vida proposto pelo capitalismo atingiu todas as esferas humanas, não esquecendo as não humanas; refiro-me a isso, por causa da natureza que sofre cotidianamente com as investidas desse sistema, enxergando-a não como um ser vivo, que merece ser tratado com respeito e dignidade, mas apenas como coisa que tem que ser explorada até se esgotar. Como navegantes ao mar aberto da vida, temos diariamente os nossos barcos rodeados, cercados e vigiados, deixando-nos sufocados e impedidos de exprimir nossas opiniões, vontades e pensamentos, pelas sedutoras cantigas alucinógenas, as quais determinam e moldam o nosso comportamento social.

Pensar que todas as religiões partem do pressuposto de que existem para humanizar a humanidade, é pensar de forma equivocada. Isso deveria ser uma verdade inquestionável.

O capitalismo consegue transformar tudo em troca e venda, levando a uma compreensão mercadológica das coisas: amizade, trabalho, afetividade, sexualidade, subjetividade, sagrado, saúde, educação etc. Tudo se encontra sob sua égide. O processo educativo ou formativo do ser humano na sociedade capitalista está à mercê dessa proposta. Educação, por sua vez, combina com produção, e não com formação. O ser humano torna-se apenas uma peça na engrenagem do sistema capitalista. Um parafuso que se encaixa numa porca, cujo aperto é dado pela mão que não se vê, isto é, a mão invisível do mercado.

Acredita-se que esse mercado preencheria e preenche os anseios e os vazios da existência humana. Para isto ocorrer, temos que nos tornar verdadeiros consumidores. É isso que alimenta o deus capital. Sua existência depende dessa relação: compra e venda. O capitalismo se coloca como aquele que vai resolver todos os problemas da humanidade.

O cenário mudou, mas o capitalismo dentem as armas ideológicas para manter o poder nas mãos de quem sempre o deteve. A teologia antes da “Prosperidade”, passou a ser a do “Domínio”. Isto para dizer que, tanto faz uma como a outra, ambas servem ao mesmo deus capital. Esta última se encaixa dentro do contexto o qual estamos vivenciando, a saber, marcado pela relação político-evangélica de grupos declarados bolsonaristas, melhor dizendo, extremistas de direita, ampliando o leque de assecclas da divindade capitalista. A esse respeito, o artigo “Teologia do domínio: uma chave de interpretação da relação evangélico-política do bolsonarismo”, de Eliseu Pereira (2023) é bastante contundente e esclarecedor. De acordo com ele,

A Teologia do Domínio (TD) é uma designação difusa para encampar um projeto de poder deslanchado pelas principais lideranças evangélicas dos EUA, visando controlar as principais esferas estratégicas da sociedade, que está sendo amplamente promovido nos países sob sua influência, como o Brasil. [...]. Teologia do Domínio (TD) é uma expressão mais ampla e popular, usada tanto na mídia como nos grupos evangélicos estadunidenses, para além da teologia calvinista-reformada. O termo domínio deriva da interpretação particular de Gênesis 1.28 — “dominai a terra” — aplicando-a, não ao ser humano em geral, mas restritivamente aos cristãos, como os únicos capazes de cumprir tal

mandato. A TD expressa, segundo Diamond (1995, p. 246), “mais uma visão de mundo do que um discreto conjunto de princípios” (Pereira, 2023).

No Brasil, esse estilo de religiosidade ganhou força durante o governo Bolsonaro. A confirmação dessa base governamental pode ser observada na influência da chamada Teologia do Domínio, que foi decisiva para a consolidação do apoio religioso-conservador ao governo. O artigo mencionado corrobora essa interpretação, ao evidenciar como, ao longo desse período, representantes desse grupo ocuparam cargos estratégicos em diversos ministérios, como os da Educação, dos Direitos Humanos, da Mulher, entre outros. Justamente estes formam canais difusores de suas ideologias, como se fossem propagadores de verdades e pensamentos únicos. Estas realidades já são bem conhecidas, já que sempre foram difundidas pelos que detêm e concentram o poder. Esses desserviços não trouxeram nenhuma contribuição inovadora, por estarem fundamentados em pautas conservadoras e ultraconservadoras que vilipendiaram direitos historicamente conquistados a duras penas.

Na concepção de Alder Calado esse tipo de religião ou fé não passa de alienante e apenas atende ao projeto de poder em ascensão em escala mundial da extrema-direita, e que encontra no Brasil um de seus principais laboratórios experimentais para a execução desse ambicioso projeto de dominação. Segundo ele,

No Brasil vem ganhando força a chamada “Teologia do Domínio”, cujos traços principais cuidamos de destacar. Cumpre, antes de tudo, assinalar a relação orgânica entre a Teologia do Domínio e o movimento mundial da extrema Direita, em suas estratégias de submeter a sociedade civil ao cerrado controle ideológico dos princípios e valores totalitários que a caracterizam. O controle ideológico constitui um pilar decisivo de suas diversas estratégias de controle total da vida social, econômica, política, cultural, subjetiva, ética, estética e espiritual. Cada uma dessas dimensões se mostra como alvo direto ou indireto de seu projeto totalitário. [...] todos aqueles que não concordam com os propagadores da Teologia do Domínio, tornando-se, por isto mesmo, perigoso inimigo a ser combatido e exterminado. Outro traço da Teologia do Domínio é o abuso de uma hermenêutica supremacista do Antigo Testamento, com o propósito de lastrear suas teses de submissão da humanidade a dogmas supremacistas veterotestamentários, aos quais tenta submeter, inclusive, os ensinamentos do Novo Testamento e do próprio Evangelho. Trata-se da substituição do Deus-Amor pelo Deus dos exércitos, sempre pronto a combater e a exterminar todos os que não lhe prestam obediência. Ou seja, a Teologia do Domínio, em sua insensatez, persegue todos os diferentes como inimigos, sob a alegação de estarem contra Deus, o seu Deus. O apelo abusivo ao nome de Deus só agrava o teor de uma ameaça de desfiguração da condição humana, à medida que vivencia e tenta legitimar, como se os valores fossem da condição humana, traços mais perversos da mesma condição humana, situação que se pode observar por suas posturas e atitudes não raro desumanizantes, ecocidas, misóginas, androcênicas, racistas, xenofóbicas, aporofóbicas, islamofóbicas, homofóbicas, transfóbicas, entre outras (Calado, 2024).

Atualmente, fala-se muito no capitalismo como uma nova ordem religiosa. Não enxergamos isso como uma coisa boa, mas como ponto negativo na vida das pessoas. Marx já apontava para essa direção. Calado assegura que a religião do capital concentra seu ponto forte no “fetiche”. De acordo com ele, “o fetiche é uma espécie de espírito que anima as relações do sistema capitalista” (Calado, 2020b). O deus capital vive do medo, da ignorância, da estupidez, da inocência, da fraqueza,

da pobreza e da desumanização daqueles que entendem que a vida é assim, porque deus quer que seja assim. Esse deus é Mamon. Ele busca ser objeto de adoração irrestrita, sem que suas ações sejam submetidas a questionamentos. A lógica de mercado é então elevada à condição de norma divina. Nesse mesmo raciocínio, fundamentado na noção de fetiche, Calado afirma que,

Por meio de suas estratégias capciosas, a religião do Capital transforma pessoas em coisas, e coisas em pessoas, das mais diferentes maneiras. Neste processo, tem lugar privilegiado a promoção e entronização do deus Mamon, representando ouro, dinheiro e riqueza. Mamon se vai tornando, pelas estratégias do Capitalismo, "o" tesouro da vida, a merecer todas as atenções, todos os cultos, todos os sacrifícios, inclusive o sacrifício de inocentes, de crianças, adolescentes, jovens, adultos, homens e mulheres. A vida se converte em uma incessante busca por riquezas, a qualquer preço. Riqueza por meio da qual todos os falsos planos de felicidade e de realização se tornam válidos e fascinantes. Aí entram em jogo seus agentes operadores, seus "sacerdotes", seus acólitos, orientados pelo "Mercado", uma figura do próprio deus Mamon. Seu "*modus operandi*" revela-se sedutor para amplas parcelas de seus "fiéis" (Calado, 2020b).

Segundo Alder Calado, Karl Marx foi o pensador que mais se dedicou a estudar o fenômeno fetiche. Não só nos textos atribuídos ao jovem Marx, mas também no "Capital", a partir do tópico IV do capítulo I de seu principal livro "O caráter do fetiche na mercadoria e seu segredo" (Calado, 2020b). Conforme Calado (2020b), "é preciso reconhecer outras formas de religião, inclusive diversas delas não tidas como tais, mas agindo com uma eficácia ainda maior. É o caso do sistema capitalista [...] tomado como uma religião".

Em relação a esse tipo de experiência religiosa cristã conluiado ao sistema capitalista, que fez a escolha pelo deus Mamon, apresentamos a sua versão libertadora, que optou pelo aporte teórico marxiano, para poder compreender e transformar a realidade. Estamos tratando do Cristianismo da Libertação ou como o mais conhecemos, Teologia da Libertação. De acordo com Michael Löwy, essa experiência libertadora de fé surge,

Num momento histórico determinado - o começo dos anos 60 - e num espaço circunscrito - a América Latina - uma parte do clero e dos leigos cristãos (em particular católicos) vão sentir a necessidade de utilizar o método marxista de interpretação e transformação da realidade (Löwy, 2011).

Essa maneira de se fazer teologia, como também educação são as forças contra hegemônicas ao capital e a essas experiências ditas cristãs aqui na América Latina. Não podemos deixar de ressaltar a relevância desses movimentos libertadores latino-americanos, cujos protagonistas são todos aqueles e aquelas que lutam por um mundo mais justo e humano. Calado a esse respeito, elabora alguns questionamentos pertinentes. Segundo ele,

Como enfrentar criticamente a profusão de manifestações idolátricas que o espírito capitalista propaga, também na atualidade? Se é verdade que a Religião ao longo da história, tem cumprido um papel eminentemente de dominação, não será igualmente verdadeiro entender e trabalhar a Religião, numa perspectiva libertadora? (Calado, 2020b).

Com isso, se quer afirmar que da mesma maneira que há uma experiência religiosa associada ao sistema capitalista que incansavelmente trabalha para

ideologicamente incutir nas cabeças das pessoas, seus fiéis ou ovelhas, que a realidade tal como está não pode ser mudada, pois é vontade de deus, fazendo do Estado um instrumento para efetivar seus projetos de poder; também existe sua outra face, a libertadora. Esta, preocupada em formar para transformar a realidade apresentando um Deus que caminha com seu povo sofrido e marginalizado; um Deus que fez a opção pelos “de baixo”. Um Deus inimigo de Mamon, cujos protagonistas são todos aqueles e aquelas de boa vontade, independente se crer ou não, que anseiam por um mundo mais justo e humano. Abaixo, apresentaremos qual o papel educativo da religião (igrejas) na América Latina?

Qual deveria ser o papel educativo das igrejas na América Latina diante da opressão, na qual se encontra o seu povo?

Na contemporaneidade, observa-se a instrumentalização da dimensão religiosa do ser humano por determinados segmentos religiosos, que se aproveitam de erupções momentâneas de sensibilidade espiritual, frequentemente fundamentadas em uma espiritualidade antirracional e fortemente emotiva. Diante desse cenário, levantam-se alguns questionamentos: podemos alegar que essa experiência de fé é alienante, isto é, está sendo utilizada para enganar pessoas? A conhecida frase marxista “Religião é o ópio do povo”, ainda surte efeito? Em que uma educação libertadora pode ajudar? Percebe-se hoje em dia uma religião mais emotiva, como mencionamos. É como se a racionalização fosse empecilho para uma verdadeira experiência de fé em Deus. Este lado exclusivo manifesta uma forma de conceber a experiência religiosa de maneira intrassubjetiva e imediata, isto é, ausente da autoridade institucionalizada da religião tradicional, como a conhecemos. O sujeito passa a ser ele próprio agente de sua fé. A religião neste caso serve apenas como lugar do culto, de encontro, já que o sagrado se manifesta individualmente. Com isto, cada pessoa expressa subjetivamente a sua relação com o sagrado. Isso tudo não é negativo, uma vez que a fé está na pessoa de cada um. O problema é mercantilização dessa experiência. Segundo Frei Betto,

Como os supermercados, as Igrejas disputam clientela. A diferença é que eles oferecem produtos mais baratos e, elas, prometem alívio ao sofrimento, paz espiritual, prosperidade e salvação. Por enquanto, não há confronto nessa competição. Há, sim, preconceitos explícitos em relação a outras tradições religiosas, em especial às de raízes africanas, como o candomblé e a macumba, e ao espiritismo. Se não cuidarmos agora, essa demonização de expressões religiosas distintas da nossa pode resultar, no futuro, em atitudes fundamentalistas, como a “síndrome de cruzada”, a convicção de que, em nome de Deus, o outro precisa ser desmoralizado e destruído (Betto, 2020).

Na América Latina, o papel da religião ainda permanece muito forte e convincente, a depender de sua inclinação ideológica. Isto tornou-se tão certo que, ora facilita as conquistas ou manutenção política de direita ou extremo-direita no poder, ou ora tomando o lado dos empobrecidos, oprimidos e esquecidos do continente.

Ao comentar o texto “O papel educativo das igrejas na América Latina”, Alder Calado coloca Freire entre os grandes intelectuais preocupados com uma autêntica expressão de fé, que não se posiciona como neutra, haja vista não existir tal posição. Em sua opinião, Paulo Freire,

Cuida de analisar criticamente o papel educativo, desenvolvido pelas Igrejas cristãs, em seu cotidiano conflitivo. Estas, por sua vez, se veem desafiadas por um contexto de exploração, de dominação e de marginalização, ao qual está sujeita a enorme maioria da população latino-americana, sobretudo o povo dos pobres. Diante de tal desafio, as cidadãs e cidadãos cristãos se acham interpelados a definirem sua posição – ou de subserviência e cumplicidade com as classes dominantes, ou de compromisso libertador com a causa dos oprimidos, não havendo lugar para meio termo, nem neutralidade, o que objetivamente representaria favorecimento aos “de cima”. A esta altura, empreende uma crítica pertinente aos que teimam aderir a uma postura neutra, impossível. Analisa o comportamento contrastante, de um lado dos “inocentes ou ingênuos”, e, de outro lado, dos espertos. Em relação aos primeiros, trata de problematizar sua postura, buscando desmontar pretextos baseados em sua suposta “pureza”, superioridade, santidade, enfim, imunidade em relação às coisas do mundo, com a vã pretensão de apego exclusivo às coisas celestes, enquanto se atrevem a pensar o povo como inferior, impuro... Dada a força dos argumentos contrapostos aos “ingênuos”, estes se sentem forçados a escolherem – agora, conscientemente – sua verdadeira posição: ou de teimarem enganar a si próprios, e assim passando a defender a causa dos opressores, traindo assim a causa evangélica, ou a de aceitarem correr o risco de aderirem à causa dos “debaixo” (Calado, 2019).

Aqui, apontamos quão instrumentalizada permanece sendo a religião, já que vem ao caso, por parte de alguns segmentos religiosos, que intencionam fazer da política um trampolim para porem em prática seu ambicioso projeto “neocolonial”, cujo pano de fundo é a evangelização.

A Teologia do Domínio, que se tornou a forma teológica de justificar suas ações, tem como mote “Dominai a terra” (Gênesis 1,28); juntamente com a Teologia da Prosperidade, ambas formam um suporte espiritual e religioso ao sistema capitalista. Ambas em nada contribuem para manifestar uma religiosidade libertadora. Apenas reproduzem falas anestésicas, as quais escamoteiam a realidade, agradando os donos do poder e tornando o opressor isento de culpa, sem pecado, sem compromisso social, ético, político com a sociedade.

Para problematizar e aprofundar mais ainda esse entendimento, Freire elabora a seguinte argumentação,

Qual deveria ser o papel das Igrejas na América Latina em face da educação se esta pergunta pressupusesse a coerência das Igrejas com relação ao Evangelho? É inviável falar objetivamente de um papel unificado das Igrejas latino-americanas em face da educação. Há papéis distintos, em função da linha política, clara ou oculta ou disfarçada, que diferentes Igrejas vêm assumindo historicamente na América Latina. Um papel, por exemplo, que corresponde a uma Igreja tradicionalista, que não chegou ainda a desvencilhar-se de suas marcas intensamente coloniais. Missionária no pior sentido da palavra, “conquistadora” de almas, esta Igreja, dicotomizando mundanidade de transcendência, toma aquela como a “sujeira” na qual os seres humanos devem pagar por seus pecados [...]. Esta linha tradicionalista, não importa se protestante ou católico-romana, se constitui no [...] “refúgio das massas”. Por isto, quanto mais imersas na cultura do silêncio estejam as massas populares, quanto maior for a violência das classes opressoras, tanto mais tendem aquelas massas a refugiar-se em tais Igrejas (Freire, 1981, p. 94).

A posição de Paulo Freire converge com o pensamento atual de Michael Löwy, ambos concordando na diferenciação e seleção das igrejas conforme suas preferências ideológicas. Ou seja, as igrejas dos ricos defendem a manutenção de

seus privilégios; as dos pobres defendem que privilégio é fazer com que as pessoas sejam humanizadas.

Por essa razão, Löwy faz algumas observações que em nada, a meu ver, diferencia-se de Freire,

Será que a religião ainda é, como Marx e Engels a consideravam no século XIX, um reduto da reação, do obscurantismo e do conservadorismo? Será que ela ainda é uma espécie de narcótico, que intoxica as massas e as impede de pensar e de agir claramente em seus próprios interesses? Em grande medida, a resposta é “sim”. A visão de Marx e Engels se aplica muito bem às correntes fundamentalistas das principais religiões (cristã, judaica e muçulmana), ao conservadorismo católico, à maioria dos grupos evangélicos (e sua expressão da chamada “Igreja Eletrônica”) e à maioria das novas seitas religiosas – algumas das quais, como a conhecida Igreja de Moon, não são nada mais que uma combinação cuidadosa da manipulação financeira, lavagem cerebral obscurantista e um anticomunismo fanático (Löwy, 2016, p. 33).

Para corroborar com o que vem afirmando Freire, Löwy e Alder Calado, apresentamos a Carta de João Paulo II, de 1986, direcionada aos Bispos do Brasil, em decorrência da 24ª Assembleia Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). A Carta confiada ao cardeal Bernardin Gantin, foi lida com essas palavras,

Estamos convencidos, nós e os Senhores, de que a teologia da libertação é não só oportuna, mas útil e necessária. Ela deve constituir uma nova etapa – em estreita conexão com as anteriores – daquela reflexão teológica iniciada com a Tradição apostólica e continuada com os grandes Padres e Doutores, com o Magistério ordinário e extraordinário e, na época mais recente, com o rico patrimônio da Doutrina Social da Igreja, expressa em documentos que vão da *Rerum Novarum* à *Laborem Exercens* (João Paulo II, 1986).

Acerca desse documento, que, por sinal, é bem-vindo, sinalizando apoio “institucional” às práticas da Teologia da Libertação, não se pode diante de inúmeras perseguições e caça às bruxas, simplesmente fechar os olhos e esquecer das injustiças cometidas pela Igreja Católica Romana, no pontificado do Papa João Paulo II, que através da Doutrina da Fé demonizou essa maneira de teologizar junto aos “de baixo”. O trabalho muito bem realizado de incutir nas cabeças dos fiéis católicos de que tal teologia é uma ameaça à fé disfarçada de comunismo, até hoje repercute, tornando quase impossível uma reversão. Ninguém pode negar a relevância dessa Carta, como também a “Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”, de 1984, e tantos outros documentos, assim como a pessoa do Papa Francisco, cujo governo pontifical converge e se afina ao discurso da Teologia da libertação, pois enxerga nela uma proposta metodológica mais próxima do Jesus de Nazaré e do Evangelho; o que não se pode aceitar é enquadrar essa teologia ou “Cristianismo de libertação” (Löwy) dentro de um esquema doutrinal, porque seria o fim de sua dimensão profética (comentada por Freire), a qual cabe somente aos livres, e livres de coração, mente e de espírito.

Dessa forma, percebemos e constatamos as diferenças que há entre uma religião libertadora, promotora da paz, da justiça, dos direitos humanos, que enaltece o ser humano contrariando toda e qualquer forma de opressão, buscando sempre a sua libertação; e por outro lado existem denominações religiosas aparelhadas ao discurso do sistema capitalista, levando a atender, através de suas práticas, que são subservientes à proposta do opressor, legitimando, por sua vez, através da palavra divina as ações exploratórias e excludentes do capitalismo.

Considerações finais

A partir dessas argumentações apresentamos os dois lados da religião: uma que contribui para manter o *status quo*, favorecendo sempre aqueles considerados legítimos herdeiros senhores da terra e de tudo que há nela; e a sua versão revolucionária e libertadora, em que de modo algum se alinha às elucubrações mirabolantes que justifica a atuação do sistema capitalista na vida das pessoas, tornando-as ingênuas, infantilizando-as, e, utilizando-se da religião para poder levar as pessoas para seus encantos e domínios.

Esse tipo de estratégia, inicialmente, foi posto em prática com a institucionalização do cristianismo, por Constantino. O grande imperador romano, percebendo a debilitada situação do império resolve se converter ao movimento religioso em ascensão em toda a sociedade. Seria sua atitude uma maneira de continuar governando através da religião? Nesse gesto, não estaria por trás a intenção de manter vivo o império, com roupagem religiosa?

Quem sabe os organismos de inteligência norte-americanos para infundir seus interesses na América Latina, tenham estudado esse passado histórico do imperador romano e sua “benevolente” e desinteressada amizade com os cristãos. Como se diz por aí: “para dominar e conquistar conheça muito bem o seu inimigo”.

Portanto, conhecedores dessas duas realidades, desses dois caminhos, devemos manter a seriedade e maturidade epistemológica ao estudarmos tais fenômenos para não os observarmos apenas como formas e maneiras de alienar e subjugar às pessoas ao peso da opressão. Aquele dito compartilhado por Marx “religião é ópio do povo”, ainda está em vigor. Mas, devemos ser criteriosos, porque há religiões e religiões. Por isso, não é adequado agrupá-las indistintamente sob uma mesma categoria ou julgamento simplificador.

Referências

AGOSTINI, Nilo. **Os desafios da educação a partir de Paulo Freire e Walter Benjamin**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

BEISIEGEL, Celso. de Rui. **Política e educação popular** (A teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil). 3ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1992.

BETTO, Frei. **Mercado da fé**. Disponível em:

<https://cebi.org.br/noticias/mercado-da-fe-por-frei-betto/>. Acesso em: 01 fev. 2020.

CALADO, Alder Júlio Ferreira. A dimensão da mística na construção da alternatividade. In: OLIVEIRA, Ailza de Freitas (Org.). In: **Educação popular**: autoras e autores da Paraíba [recurso eletrônico]. João Pessoa: Editora do CCTA, 2020a (Coleção Saberes em Educação Popular; v.1).

CALADO, Alder Júlio Ferreira. **A religião como Projeto de poder político**: Notas sobre a expansão no Brasil da Teologia do Domínio. Disponível em: <https://revistaconsciencia.com/a-religiao-como-projeto-de-poder-politico-notas-sobre-a-expansao-no-brasil-da-teologia-do-dominio/>. Acesso em: 05 abr. 2024.

CALADO, Alder Júlio Ferreira. **Karl Marx, na perspectiva do movimento de Jesus**: aproximações. Disponível em: <https://revistaconsciencia.com/karl-marx-na-perspectiva-do-movimento-de-jesus-aproximacoes/>. Acesso em: 30 set. 2023.

CALADO, Alder Júlio Ferreira. (Org.). **Movimentos sociais e cidadania**: um enfoque multifacetado. João Pessoa: Idéia, 2000.

CALADO, Alder Júlio Ferreira. **O capitalismo como religião**: Considerações acerca do alcance deletério de suas manifestações idolátricas. Disponível em: <https://revistaconsciencia.com/o-capitalismo-como-religiao-consideracoes-acerca-do-alcance-deleterio-das-suas-manifestacoes-idolatricas/>. Acesso em: 15 jun. 2020b.

CALADO, Alder Júlio Ferreira. **Paulo Freire em diálogo com a teologia da libertação**: anotações sobre um ensaio cinquentenário da lavra freireana. Disponível em: textosdealdercalado.blogspot.com/2019/03/paulo-freire-em-dialogo-com-teologia-da.html. Acesso em: 23 abr. 2019.

CALADO, Alder Júlio Ferreira. **Paulo Freire**: sua visão de mundo, de homem e de sociedade. Caruaru (PE), edições Fafica, 2001.

CALADO, Alder Júlio Ferreira. Rastreado fontes da utopia freireana: marcas cristãs e marxianas do legado de Paulo Freire. In: CALADO, A. J. F. (org.) **Revisitando Paulo Freire**: diálogo, prática docente, corpo consciente e inspiração cristã-marxiana. João Pessoa: Idéia, 2008. 109p.

Carta do papa João Paulo II aos bispos da conferência episcopal dos bispos do brasil. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1986/documents/hf_jp-ii_let_19860409_conf-episcopale-brasile.html. Acesso em: 21 fev. 2025.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**: e outros escritos. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz & Terra, 1996 (Coleção leitura).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 64 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2017.

LÖWY, Michael. **Marxismo e cristianismo na América Latina**. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01026445198900040002. Acesso em: 12 set. 2011.

LÖWY, Michael. **O que é Cristianismo da Libertação?** religião e política na América Latina. 2. ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo: Expressão Popular, 2016.

MILLÁN, Fernando Torres. Igreja profética. In: REDIN; STRECK; ZITKOSKI (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 2 ed. Revista e ampliada; 1 reimpressão. Belo Horizonte (MG): Autêntica, 2010.

OLIVEIRA, Admardo Serafim de (Org.). **Introdução ao pensamento filosófico**. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

PEREIRA, Eliseu. **Teologia do domínio**: uma chave de interpretação da relação evangélico-política do bolsonarismo. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/60331/42102>. Acesso em: 20 jul. 2024.

PREISWERK, Matthias. Teologia da libertação. In: REDIN; STRECK; ZITKOSKI (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 2 ed. Revista e ampliada. 1 reimpressão. Belo Horizonte (MG): Autêntica, 2010.

Recebido em: 12/2026
Aprovado em: 02/2026